

Projeto, pesquisa e extensão: resgate de processos artesanais e memória gráfica na Universidade de Brasília

Project, research and extension: recovery of artisanal processes and graphic memory at the University of Brasília

ARANTES, Eduardo Garcia¹

BOMFIM, Mariana Costa¹

COSTA, Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da¹

Resumo

Este artigo tem como propósito apresentar o Laboratório Gráfico vinculado à Oficina de Maquetes e Protótipos — conhecida como Maquete — da Universidade de Brasília. Esses espaços são de grande relevância para o campo do Design de Informação, ao promoverem o resgate da memória gráfica, dos processos de impressão e do patrimônio material associado. Com a intenção de fomentar o interesse e a apropriação desses ambientes por parte da comunidade acadêmica e mesmo externa foi desenvolvido um projeto de extensão que propõe uma trajetória prática. A proposta, que abrange desde a produção artesanal de papel, passando pela exploração da tipografia e dos processos de impressão, até as etapas de confecção e acabamento de um caderno, visa proporcionar uma compreensão ampliada dos processos gráficos, ao mesmo tempo em que subsidia a produção de dados empíricos para fins de pesquisa e análise de resultados.

Palavras-chave: memória gráfica, projeto de extensão, produção artesanal.

Abstract

This article seeks to present the Graphic Laboratory associated with the Model and Prototype Workshop — commonly referred to as Maquete — at the University of Brasília. These facilities play a significant role in the field of Information Design, as they contribute to the preservation of graphic memory, printing techniques, and related material heritage. Aiming to foster interest and engagement with these spaces among both the academic community and the broader public, an outreach project was developed to offer a practical, experience-based approach. The initiative, which encompasses everything from handcrafted paper production, exploration of typography and printing processes, to the

¹ Respectivamente, técnico, estagiária e coordenadora da Maquete na Universidade de Brasília, Brasília/DF

stages of creation and finishing a notebook, seeks to provide a broader understanding of graphic processes while simultaneously generating empirical data for research and outcome analysis purposes.

Keywords: graphic memory, outreach project, artisanal production.

Introdução

Ao transitar pelos espaços arborizados do campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília (UnB), é possível observar, em meio à paisagem, algumas edificações que contrastam com a predominante arquitetura brutalista, como é o caso das “casinhas” de tijolo que compõem a Maquete. Tais instalações estão vinculadas ao Departamento de Artes Visuais e integram a estrutura da instituição desde seus primeiros anos, remontando a quase seis décadas de existência.

Localizado na primeira das construções do complexo, o Laboratório de Gráfica Experimental (Figura 1) — ou simplesmente Laboratório Gráfico — tem se mantido ativo ao longo do tempo, resistindo tanto a intempéries naturais quanto a ações humanas, e conserva a memória de um espaço pioneiro nas práticas tipográficas da Universidade. Até os dias atuais, permanece um ambiente propício à experimentação visual, acolhendo uma ampla variedade de iniciativas criativas. Apesar disso, observa-se que o conjunto carece de investimentos regulares em conservação e melhorias. As limitações estruturais tornam-se progressivamente mais evidentes, especialmente diante da escassez de ações de manutenção promovidas pelos órgãos competentes da Universidade.

Figura 1 – Espaço do Laboratório Gráfico localizado na Maquete da UnB



Fonte: os autores (2025)

Persiste, ainda, a preocupação com a possível obsolescência desse ambiente. No contexto contemporâneo, marcado pelo amplo acesso à informação e pelo avanço acelerado das tecnologias, observa-se uma substituição gradual das pesquisas de campo, experimentações físicas e trabalhos técnicos e práticos no processo educativo por soluções mediadas pelo digital. Nesse cenário, os desafios para o resgate da memória gráfica, bem como a preservação da cultura material e de impressão tornam-se ainda mais significativos.

Embora o local seja frequentado por alguns alunos, professores e demais interessados, motivados tanto pela paixão quanto pela curiosidade, reconhece-se que o Laboratório ainda é pouco explorado por grande parte da comunidade da UnB e poderia ser melhor aproveitado em todo seu potencial local. Lupton e Miller (2011) argumentam que palavras e imagens, objetos e costumes — todos presentes nas atividades desenvolvidas no Laboratório Gráfico —, desde que ingressem no processo comunicativo, não ocupam classes separadas, mas participam do sentido cultural e historicamente determinado que caracteriza a linguagem verbal. Tais elementos evidenciam a relevância do ambiente gráfico, destacando sua importância não apenas nos âmbitos linguístico e comunicacional, mas também em suas dimensões sociais e educativas.

No que se refere às atividades desenvolvidas em laboratórios gráficos, pode-se afirmar que possuem um caráter predominantemente manual e prático, evocando, inclusive, os fundamentos históricos e as origens do Design da Informação. Essa perspectiva é corroborada por Jacobson (2011), ao definir tal área do conhecimento como a arte e a ciência de organizar a informação de modo que possa ser compreendida e utilizada por seres humanos com eficiência e eficácia. Segundo o autor, essa prática envolve a comunicação por meio de palavras, imagens, tabelas, gráficos, mapas e desenhos, utilizando suportes convencionais ou digitais. Um exemplo ilustrativo dessa abordagem pode ser observado na produção de um objeto criativo por parte de alguns estudantes que, ao utilizarem o espaço do Laboratório, aproximaram a dimensão manual à prática do Design da Informação (Figuras 2 e 3).

Figuras 2 e 3 – Trabalho criativo de impressão tipográfica no prelo de prova e técnica de origami (à esquerda) e matriz impressora (à direita)



Fonte: Alunos Lucia Casament, Luma Lima e Marcos (2024)

Considerando suas múltiplas possibilidades didáticas, experimentais e criativas, torna-se evidente a necessidade de promover maior engajamento e participação da comunidade acadêmica no uso desse espaço, de modo a evitar que se torne subutilizado ou mesmo que deixe de existir. Nesse sentido, a fim de delimitar o foco do presente artigo e estabelecer sua relação com o tema do Design da Informação e utilização do espaço gráfico, identifica-se a questão central que orienta esta pesquisa, bem como o projeto que será detalhado nas seções subsequentes, formulada por meio da seguinte pergunta:

- Quais ações poderiam gerar maior interesse no uso do espaço e preservação da memória gráfica da Maquete na UnB?

Um projeto como caminho possível

De modo geral, a continuidade das atividades no espaço tem se mantido principalmente em função de aulas letivas e oficinas, o que assegura certa frequência de alunos, professores e técnicos. Nesse sentido, a questão levantada, a princípio, não parece demandar mais do que respostas óbvias e aparentemente eficazes — visitas abertas, realização de palestras, oferta de atividades na semana universitária —, algumas delas inclusive já implementadas. Entende-se, no entanto, que soluções imediatas, embora de fácil implementação, podem ser superficiais, uma vez que configuram atividades pontuais, que até introduzem o espaço, mas não necessariamente convidam à permanência nele.

Tal perspectiva implica refletir sobre como essas iniciativas podem ser melhor estruturadas e integradas a um plano de ação consistente, o que motivou a concepção de um projeto de extensão. O que o caracteriza como uma abordagem mais duradoura está tanto na possibilidade de realização de edições periódicas, quanto na própria natureza prolongada de cada edição, que tende a se estender por alguns meses, favorecendo o aprofundamento das relações entre os participantes e o espaço. Desse modo, o formato naturalmente contribui para a consolidação de uma cultura de valorização, preservação e uso consciente dos espaços institucionais. Assim, nasce o projeto intitulado “Introdução Gráfica: do papel artesanal e composição tipográfica à encadernação e acabamento” (Tabela 1).

Tabela 1 – Especificações do projeto de Introdução Gráfica submetidas ao Conselho de Extensão da UnB

Especificações do Projeto	Descrição detalhada das Especificações
---------------------------	--

Resumo do Projeto	Este Projeto de Extensão visa a compreensão do ensino teórico e prático das principais etapas do processo gráfico, iniciando na produção do papel e suas diversas formas de confecção e de utilização dos materiais de celulose, em seguida, passando pela utilização dos recursos gráficos, tipográficos e de impressão, até chegar ao acabamento e meios de encadernação e finalização gráfica. Em suma, este projeto tem como objetivo a realização de um curso de introdução às técnicas de fabricação de papel, composição tipográfica e encadernação. A intenção é que as ações do projeto se realizem nas dependências da Oficina Tipográfica/Gráfica Experimental e no Laboratório de Materiais Expressivos/Laboratório de Fabricação de Papel, ambas estruturas do Depto. de Artes Visuais, localizadas na Maquete. O curso será dividido em 3 blocos de 20 horas: No mês de outubro: Oficina de fabricação de papel (professora Thérèse Hofmann), no mês de novembro: Oficina de composição tipográfica (professor convidado do Dpto. de Comunicação: Rafael Dietzsch) e impressão (Técnico Juscimar Alves), no mês de dezembro: Oficina de encadernação (Técnico Juscimar Alves ou Thérèse Hofmann) e acabamento (Técnicos Eduardo Arantes e Juscimar Alves). Ao final do projeto, espera-se que os participantes produzam folhas de papel e impressos tipográficos, além de volumes encadernados (e.g. cadernos, blocos) com os papéis e impressos produzidos nas oficinas.
Palavras-chave	Artes Gráficas, Encadernação, Letterpress, Papel, Tipografia.
Justificativa	Embora comercialmente obsoleta, as técnicas de fabricação de papel artesanal, composição tipográfica com tipos móveis (letterpress) e encadernação manual têm sido resgatadas na contemporaneidade no contexto do design e das artes visuais, por profissionais que as utilizam como um diferencial em seus projetos. Esse resgate se deve em parte pelo fascínio causado pela visualidade destes materiais, sua história ancestral, assim como pela possibilidade da combinação de tecnologias contemporâneas à linha de produção tradicional. Ainda assim, o projeto fomenta a utilização do espaço físico pelos extensionistas e pela comunidade, possibilitando atividades esporádicas deles com os recursos e equipamentos existentes no local. Também seria proposto a confecção de um caderno completo com a utilização dos materiais provenientes do recurso destinado ao projeto.
Fundamentação Teórica	Em vista da necessidade de preservação não somente destas técnicas e artefatos (mas também de documentos produzidos a partir destas tecnologias), surge a expressão memória gráfica, que tem sido utilizada cada vez com mais frequência para denominar uma linha de estudos que busca compreender a importância e o valor de artefatos visuais (em particular impressos efêmeros) na criação de um sentido de identidade local. Pensando na possibilidade de se manter atividades de ensino, pesquisa e extensão, e manter a rotina de conservação dos acervos existentes e a premissa de salvaguarda de outros acervos de artes gráficas que possam ser incorporados à esta coleção.
Metodologia	Todas as ações seriam realizadas em uma sequência lógica, para que o extensionista possa compreender o passo a passo da produção gráfica, indo desde a produção de papel até os elementos de impressão tipográfica e confecção de um caderno (encadernação), culminando no acabamento gráfico final, com a finalização gráfica (douração ou hot stamping).
Objetivos Gerais	O objetivo desta ação é apresentar conhecimentos básicos de técnicas de fabricação de papel, composição tipográfica e encadernação, na qual os próprios alunos atuam como protagonistas na produção de papéis, impressos tipográficos e volumes encadernados. Portanto, este projeto de extensão visa a compreensão do ensino teórico e prático das principais etapas do processo gráfico.
Resultados Esperados	Ao final do projeto, estima-se que os participantes produzirão uma coleção de papéis artesanais, impressos tipográficos e volumes encadernados utilizando os papéis e impressos produzidos durante o curso. Dos alunos voluntários se espera algumas composições tipográficas e ilustrativas no papel chamex que serão utilizadas para produção de cartilha.
Referências	Todas estão nas Referências deste Artigo

Fonte: os autores (2024)

Além disso, o caráter extensionista do projeto viabiliza não apenas a participação de membros da comunidade acadêmica, como discentes, docentes e técnicos, mas também uma produção de conhecimento em diálogo com integrantes da comunidade externa. No entanto, em função da necessidade de limitação do número de participantes imposta pela capacidade física do espaço, a divulgação do projeto (Figura 4) foi acompanhada de um processo seletivo. Este, por sua vez, consistiu na análise das justificativas apresentadas pelos candidatos quanto ao seu interesse de integrar o projeto.

Figura 4 – Arte propaganda do Projeto/Curso de extensão de Introdução Gráfica



Fonte: os autores (2024)

Colocando em prática

Elaborado e realizado no final do ano de 2024, com duração de 4 meses, o projeto contou com a participação de dez extensionistas, sendo metade da comunidade externa à UnB e os demais, membros da própria Instituição, incluindo discentes, egressos e docentes. Quanto às atividades desenvolvidas, o projeto pode ser dividido em três etapas: produção de papel artesanal, prática de impressão tipográfica e processos de encadernação com acabamento. Cada uma dessas fases foi concebida de forma integrada, visando proporcionar aos participantes uma experiência formativa completa.

Para uma introdução gradual ao tema, os extensionistas foram apresentados a um breve histórico da origem do papel. Ainda no mesmo dia aprenderam o manuseio correto do conjunto tela-moldura. Já nas aulas seguintes, entraram em contato com a produção em si (Figura 5), começando pela reciclagem. O resultado era uma polpa clara já passível de ser feita em novas folhas de papel, com a possibilidade de colori-la cozinhando por um tempo com corante alimentício. Em todo o tempo, tiveram plena liberdade artística para explorar ainda diferentes formatos, ornamentos (folhas, flores, sisal e cédulas não-utilizáveis) e técnicas (stencil, marca d'água e dupla face) em suas produções.

Figura 5 – Registro da primeira etapa do projeto



Fonte: os autores (2024)

Já no processo de obtenção da folha de papel a partir de fibras vegetais, detalhado por Hubbe e Bowden (2009), alguns auxiliaram no corte de um caule de bananeira em porções menores, posteriormente cozinhadas com soda cáustica, cuja função é quebrar e amolecer as fibras. Por questões de segurança, os extensionistas apenas observaram essa etapa. Depois de resfriada, devidamente lavada e triturada no liquidificador industrial, a polpa estava pronta para se transformar em papel, ou passar por mais um processo opcional ensinado, o branqueamento, deixando água sanitária agir na polpa, sob o efeito catalisador do sol.

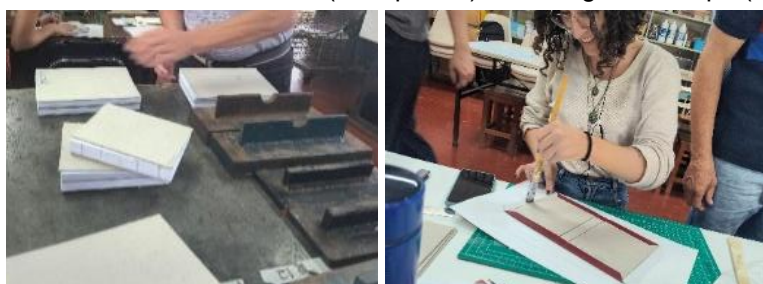
A primeira aula de impressão tipográfica — segunda parte do projeto — consistiu majoritariamente em teoria. Os extensionistas foram apresentados à história da tipografia, conceitos, ferramentas, bem como sua nomenclatura adequada, para depois serem introduzidos à prática. O grupo foi então dividido em dois, que se revezavam em tarefas. Enquanto metade elaborava frases e palavras metalinguísticas sob o tema “impressão tipográfica”, o restante experimentava fazer impressões com chapas já prontas, para se familiarizar com o entitamento, enquadramento na folha de papel e movimento do prelo.

Nos demais encontros dessa etapa, os extensionistas puderam implementar o que haviam apenas observado até então: organizar os tipos móveis nos componedores, posicionar a composição na bolandeira, preencher o que fosse necessário com material branco, amarrar a chapa e transferir para o prelo, conforme descreve Neder (2014). Alguns imprimiram os trocadilhos desenvolvidos na aula anterior, explorando os diferentes efeitos ao variar papéis — fossem os de produção própria ou de origem industrial —, a quantidade de tinta, impressões em um único papel, ou mesmo materiais alternativos em lugar dos tipos, como folhas de árvore.

Na etapa final do projeto, os extensionistas foram recebidos já com todo o material separado para começar pela confecção do miolo. Depois de aprenderem o passo-a-passo de juntar as folhas de cinco em cinco, dobrá-las na metade formando cadernos, marcar a posição dos furos para receber a costura — no caso, espanhola —, ficaram livres para produzir quantos desejassem, nos formatos A5 ou B6. Porém, não sem antes serem aconselhados quanto aos cuidados com alinhamento dos furos e firmeza da costura. Os miolos que ficaram prontos durante a aula receberam generosas camadas de cola para garantir a unidade dos cadernos.

Restava apenas o acabamento, ou seja, acrescentar o papel de guarda, o cabeceado e montar a capa (Figuras 6 e 7). Foi esse o assunto do último encontro, no qual tiveram a oportunidade de ver tudo aquilo que aplicaram ao longo do projeto materializado em um produto, de sua autoria: Cadernos encapados com papéis produzidos e impressos artesanalmente.

Figuras 6 e 7 – Miolos finalizados (à esquerda) e montagem da capa (à direita)



Fonte: os autores (2024)

Alguns resultados e expectativas

Concluído o projeto, identificou-se a necessidade de avaliar a percepção dos participantes, com o objetivo de reunir opiniões que contribuíssem no aprimoramento de futuras edições. Para isso, foi elaborado e disponibilizado por meio da plataforma Typeform um questionário de natureza semiestruturada², com viés na pesquisa de opinião, buscando obter especialmente dados qualitativos. O questionário foi composto por duas perguntas objetivas, cujas respostas foram registradas em uma escala de 1 a 10, seguidas por uma questão destinada a elencar a ordem de prioridade das três etapas do projeto. Por fim, foram incluídas quatro perguntas abertas, de caráter subjetivo, referentes a motivações, preferências e sugestões (Tabela 2).

² Para uma descrição mais completa da ferramenta empregada, recomenda-se a leitura de Arantes (2023), cujo modelo de pesquisa semiestruturada, inspirado em abordagem metodológica característica da área de Usabilidade e Interface de Usuário, foi semelhantemente aplicada no presente estudo, envolvendo a interação entre pesquisadores e extensionistas.

Tabela 2 – Perguntas da Pesquisa

Referência	Perguntas aos participantes do projeto de extensão
Nota Projeto	1. Qual nota você daria para o Projeto/Curso de Introdução Gráfica?
Nota Recomendação	2. Qual a probabilidade de você recomendar a um amigo para participar do Projeto de Introdução Gráfica?
Como você recomendaria	3. O que vocêalaria para esse amigo participar do Projeto/Curso de Introdução Gráfica? Quais os pontos que você comentaria que acha que iriam atraí-lo para participar do Projeto com você?
Ordem de preferência das atividades	4. No Projeto de Introdução Gráfica, houve três partes principais no qual você participou. Cada uma das três partes fora descrita abaixo. Coloque em um ranking na ordem em que você mais gostou ou que acha ser mais útil para suas atividades profissionais.
Motivo escolha da preferência	5. Comente porque você escolheu, na pergunta anterior, a parte que ficou na primeira colocação (sua parte preferida do curso) e os motivos de sua escolha?
Relação do projeto com vida profissional	6. Como você acha que o Curso/Projeto de Introdução Gráfica poderá te ajudar na sua profissão ou no dia a dia das suas atividades? Quais pontos principais acha que fizeram diferença?
Sugestões	7. Deixe aqui sua sugestão. Quais pontos positivos ou que podem ser melhorados? O que você mudaria, pensando numa próxima edição?

Fonte: os autores (2024)

Os dados obtidos por meio da pesquisa com os participantes — ainda que oriundos de uma amostragem reduzida³ e de caráter não anônimo — indicam um grau significativo de satisfação e um feedback amplamente positivo. As respostas evidenciaram os benefícios proporcionados pelo projeto aos extensionistas, além de apontarem expectativas promissoras e favoráveis à continuidade da iniciativa (Tabela 3)⁴. A experiência bem-sucedida do primeiro ciclo serve, portanto, como base sólida para próximas edições, exigindo apenas ajustes pontuais e melhorias em aspectos específicos apontados pelos respondentes.

Entre os pontos a serem revistos, destacou-se a necessidade de uma maior integração entre as etapas do projeto. Os participantes sugeriram que as atividades — atualmente percebidas como partes separadas — fossem organizadas de maneira sequencial e contínua, de modo a tornar mais evidente o fluxo gradual entre as fases do curso e a progressão até a conclusão do caderno artesanal. Embora fosse essa a intenção desde o princípio, sua execução prática talvez não tenha atendido plenamente a essa concepção devido ao caráter experimental da primeira edição do projeto.

³ Dez extensionistas participaram do projeto, mas apenas cinco responderam ao questionário.

⁴ Para fins de organização e identificação, utiliza-se a seguinte convenção: "Q" para "Questão", "U" para "Usuário", seguido pela numeração correspondente (por exemplo: Q1U1 refere-se à resposta do Usuário 1 à Questão 1). As questões 4 e 6, bem como trechos das respostas à questão 5, foram omitidas nesta amostra de resultados devido à sua natureza pessoal, condicionada a preferências individuais dos participantes ou intimamente ligadas a suas respectivas profissões.

Tabela 3 – Respostas da Pesquisa

	Q1	Q2	Q3	Q5	Q7
U1	8/10	8/10	Falaria que conhecer a Maquete é ótimo para sua formação e, fazer isso participando de um projeto gráfico é muito bom.	Ela me ensinou que posso trabalhar em uma harmonia com meus semelhantes que possuem diferenças e dificuldades próximas às minhas e nisso pude perceber que podia me superar vendo-os se desenvolvendo e se desenrolando.	Poderia ter uma continuidade melhor entre as atividades, no projeto foram apresentados módulos separados, mas a ideia era que todos se integraram de maneira a um depender do outro, para se chegar à solução do caderno.
U2	8/10	8/10	Contaria a respeito de todas as experiências práticas, sobre como agora basicamente sei não só produzir meu próprio caderno como também os papéis que o compõem e o texto impresso, tudo artesanalmente.	(...) Com o Projeto de Introdução Gráfica pude colocar a mão na massa. Um dos pontos principais que fez diferença na aprendizagem foi a experiência em grupo, com a troca de conhecimentos, curiosidades ou mesmo alguma manha descoberta ao longo do processo.	Acredito que a experiência poderia ser ainda melhor se uma etapa se conectar à outra de maneira mais fluida, de maneira que ao final a produção do papel e a tipografia fizessem completo sentido no produto do caderno.
U3	8/10	8/10	É prático e com visão sistêmica	Ela enriquece o olhar e traz pinceladas para novas pesquisas/ Basilar	Ampliaria os tipos de técnicas de encadernação.
U4	8/10	8/10	Um curso sensacional, completo e que faz você colocar a mão na massa. Amei	Pode ajudar na concentração, na criatividade, na possibilidade de inovar e gerar renda	Deixaria a opção da criação de cadernos para seus respectivos papéis e capas.
U5	8/10	8/10	Importante para trabalhar o processo criativo. Muito bom para aumentar a autoestima e trabalhar a saúde mental.	Novas possibilidades de rendimento e melhor entendimento do processo de produção editorial, já que sou publicitário e trabalho com criação e editoração de publicações.	Poderia apresentar outras possibilidades de costura e finalização, para criação de cadernos

Fonte: dos autores (2024)

Já sob uma perspectiva autocrítica, a própria equipe executora reconhece não ter obtido tanto êxito em transmitir para os participantes a relação intrínseca entre as atividades propostas e os fundamentos teóricos do Design de Informação e do Design Gráfico. Assim, uma das preocupações para as próximas edições será evidenciar esse vínculo conceitual e metodológico, incentivando os extensionistas, ainda no início do projeto, a planejar a informação, conforme sugere Redish (2000), e como mais tarde será integrada ao suporte físico resultante da trajetória prática, ou seja, o caderno.

De todo modo, é possível inferir que a realização do projeto de extensão em questão revelou-se uma estratégia viável e eficaz para promover maior interesse pelo uso dos espaços da Maquete e do Laboratório Gráfico, aliando aprendizagem prática à preservação de técnicas e processos artesanais gráficos. Espera-se, por fim, que este estudo possa contribuir, ainda que de forma modesta, para o fortalecimento de iniciativas semelhantes em outras instituições públicas de ensino superior, fomentando a continuidade e o desenvolvimento de projetos voltados aos espaços gráficos, bem como a ampliação do diálogo entre teoria e prática no campo do Design Gráfico. A construção coletiva desse percurso é essencial para resgatar, preservar e expandir saberes técnicos e culturais que, muitas vezes, correm o risco de serem esquecidos.

Referências

ARAGÃO, Isabella Ribeiro. **Tipos móveis de metal da Funtimod**: contribuições para a história tipográfica brasileira. 2016. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-01092016-154117/pt-br.php>. Acesso em: 25 jun. 2025.

ARANTES, Eduardo Garcia. **Experiência do usuário em websites universitários**: aplicação do questionário de websites universitários no estudo de caso da Universidade de Brasília. 2023. 121 f., il. Dissertação (Mestrado em Design) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/49018>. Acesso em: 25 jun. 2025.

BAER, Lorenzo. **Produção gráfica**. São Paulo: Senac, 1995.

BRAGA, Marcos da Costa; FARIAS, Priscila (Orgs.). **Dez Ensaio Sobre Memória Gráfica**. São Paulo: Blucher, 2018. 256 p. CRAIG, James. **Basic Typography**: a design manual. New York: Watson-Guption Publications, 1990.

GATTI, Thérèse Hofmann; CASTRO, Rosana de; OLIVEIRA, Daniela de. **Materiais em Artes**: manual para manufatura e prática em artes. Brasília: Secretaria de Estado de Cultura do DF/ Fundo da Arte e da Cultura – FAC, 2007.

HUBBE, Martin; BOWDEN, Cindy. Handmade Paper: a review of its history, craft, and science. **BioResources**, [s. l.], v. 4, n. 4, p. 1736-1792, 2009. Disponível em: <https://bioresources.cnr.ncsu.edu/issues/vol4-issue4/page/4/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

JACOBSON, Robert (Ed.). **Information Design**. [Cambridge, MA]: MIT Press, 1999.

LASSALA, Gustavo. **Introdução à produção gráfica**: conceitos fundamentais. São Paulo: Mackenzie, 2019. E-Book Kindle. Disponível em:

<https://www.amazon.com.br/Introdu%C3%A7%C3%A3o-produ%C3%A7%C3%A3o-gr%C3%A1fica-conceitos-fundamentais-ebook/dp/B07WLCT45P>. Acesso em: 26 jun. 2025.

LUPTON, Ellen (Ed.). **A produção de um livro independente**: um guia para autores, artistas e designers. [S. l.]: Rosari, 2011. 176 p.

LUPTON, Ellen; MILLER, Abbott. **Design, Escrita, Pesquisa**: a escrita no design gráfico. Tradução: Mariana Bandarra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MEGGS, Philip; PURVIS, Alston. **História do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NEDER, Rafael. **A Prática Contemporânea da Impressão Tipográfica no Design Gráfico Brasileiro**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/297670107_A_pratica_contemporanea_da_impressao_tipografica_no_design_grafico_brasileiro. Acesso em: 27 jun. 2025.

REDISH, Janice C. (Ginny). What Is Information Design? **Technical Communication**, [s. l.], v. 47, n. 2, p. 163-166, maio 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43748847>. Acesso em: 27 jun. 2025.